

Redacção :

A. Barão de Limeira, 1
S. PAULO

A Jurity

Redactoras-chefe :

Romualda C. Dina e
Lavinia Meirelles

2.º ANNO — ESCOLA MODELO COMPLEMENTAR CAETANO DE CAMPOS — 2.º ANNO
PUBLICAÇÃO MENSAL

ANNO I

São Paulo, 12 de Outubro de 1904

N. II

O dia de hoje

Christovam Colombo é, indubitavelmente, o mais celebre dos navegantes.

Nasceu em 1441 em Genova, segundo a opinião mais acertada. Seu pai era fabricante de pannos.

Depois de cursar estudos importantes e depois de viajar pelas partes do mundo até então conhecidas, reconheceu por certos raciocínios que devia haver um continente entre a Europa e a Asia. Desta brilhante idéa resultou uma viagem de longo curso ao oceano Athlantico.

Os seus abundantes e profundos conhecimentos de astronomia, geometria e geographia traduziam as suas idéas acertadas.

O projecto de viagem de Colombo não foi acolhido por d. João II de Portugal; para a população e até para seus amigos passava Colombo como louco, ou artes, por formar projectos chimericos.

Era impossivel que Colombo não encontrasse quem lhe desse a mão!

A rainha Isabel da Espanha acolheu-o bem e deu-lhe auxilios. A 3 de agosto de 1492 partiu Colombo de Palos com 3 navios tripulados por 90 homens.

Depois de viajar 65 dias, descobriu, a 8 de outubro, a primeira ilha do novo mundo — S. Salvador.

Durante a travessia os seus officiaes quizeram fazel-o retroceder; por isso teve Colombo de lutar com toda a equipagem que ameaçava-o de morte.

Apezar de todos os obstaculos, Colombo permaneceu firme, e, com grande confiança em Deus, continuou a viagem.

Surge emfim um bello dia para co-roar do melhor exito os seus esforços; surge a aurora de 12 de outubro; surge mais uma parte do mundo; assignala-se mais uma gloria na Historia, junta-se mais

um louro á corôa de Christovam Colombo! E', pois, a data da descoberta da America que hoje commemora-se, e, assim fazendo, rende-se um preito de homenagem ao nunca esquecido Christovam Colombo!

Saloia

Longe de ti

Soneto

*Quando a tarde desce somnolenta,
E triste se torna a natureza,
Minha alma envolve-se inteira
Em impenetravel véu de tristeza.*

*Nesta hora pathetica e sublime
Que erra p'lo ar na tristeza infinda
Em vão procuro pela sombra etherea
Tua ingrata imagem meiga e linda*

*Nos gorgeios da triste passarada
Misiuram-se pelo espaço immenso
Meus gemidos de voz entrecortada.*

*Depois cedendo á crua realidade
Exhalo angustiosa e maguada
Um longo suspiro de saudade!*

SCJSMAYDO

Era a hora do crepusculo. Pela vastidão do espaço vagava um som confuso. O sol dardejando seus ultimos raios coloria o cimo dos montes de bella côr purpurea.

Os rouxinoes, tremulos, entoavam saudosos gorgeios. E os pastores, tangendo a sineta, chamavam os gados que, enfileidos, vagarosos e somnolentos recolhiam-se ao curral. Nesta hora em que tudo é poesia, em que nossa alma parece subir, arrebatada pelos encantos da natureza, ás regiões celestes, triste, abatida, pensava sem seber quasi no que. Com o rosto

apontado sobre uma das mãos, sentia uma profunda tristeza apoderar-se de meu eu.

Volvia saudosa as paginas do meu passado; revia os meus dias de prazer, os momentos felizes que gozei. Entregue completamente a reflexões tão doces quão tristes, estava alheia a tudo o que se passava em meu redor, quando uma voz sonora soou aos meus ouvidos, e, umas mãos delicadas tocaram-me ao hombro. Virei-me e então deparei com uma virgem, linda como a criação do poeta, encantadora como a virgem de Murillo.

Vestia um roupão de angelica côr; os cabellos eram negros e luzidios; a sua côr alva como o jaspe, sua fronte lisa, —elevado throno do mais nobre socego; o seu rosto suave e doce, —assento da graça mais arrebatadora.

Diante de tanta balleza e graça fiquei extasiada; julguei então ver naquella hora a encantadora Aspasia do Capitolio.

Vem commigo, disse-me com uma vóz carinhosa e meiga, habito em regiões distantes; venho de longe em tua busca trazer lenitivo ás suas dôres, venho trazer um precioso balsamo para as tuas chagas; trazer-te paz, allivio e coragem para resistires as revezes da vida. Vem, segue-me, dar-te-ei o que precisas!...

Quando perplexa, já consolada, ia seguir-a, despertei como de um delicioso sonho, e, procurando em meu redor, vi a casta visão desaparecer, fugitiva como uma sombra vaporosa.

E então dirigindo em alta voz: «Quem sois?» ouvi pela immensidade responderem-me vozes ignotas: —Sou a esperança.

Saloia

André Chénier

(TRADUCÇÃO)

Marie André de Chénier nasceu em 1762 em Constantinopla.

Era filho de um consul francez e sua mãe era grega.

Educado e creado na leitura de poetas gregos, refrescou nesta pura fonte a inspiração languida da poesia franceza. Seus edyllios, peças delicadas e encantadoras, contrastavam com a languidez que estava em voga no fim do seculo XVIII: annunciava um poeta verdadeiramente grande.

Foi, infelizmente, para a litteratura,

uma das victimas da revolução franceza.

Na sua prisão André Chénier compoz uma tocante elegia, *A joven captiva*, que dedicou á sua companheira de captividade. Escreveu tambem alguns tristes e energicos versos sobre sua propria sorte. Os ultimos que compoz estão em todas as memorias.

Eilo-s:

"Comme un dernier rayon, comme un dernier zéphire
Anime la fin d'un beau jour,
Au pied de l'échafand j'essaye encor ma lyre
Peut-être est-ce bientôt mon tour;
Peut-être avant que l'heure en cercle promenée,
Ait posé sur sur l'émail brillant
Dans les soixante-pas où sa route est bornée,
Son pied sonore et vigilant,
Le sommeil du tombeau pressera ma paupière,
Avant que de ces deux moitiés.
Ce vers que je commence ait atte nt la dernière,
Peut-être en ces murs effrayés
Le messenger de mort, noir recruteur des ombres,
Escorté d'infâmes soldats,
Remplira de mon nom ces longs corridors sombres."

O poeta foi, com effeito, obrigado a fazer ponto. Seguiu para o patibulo.

R. C. D.

A Escola

Entre os grandiosos monumentos que ornarn o vasto torrão universal, dentre todas as flores que embellezam o exuberante jardim que representa a patria, veremos surgir triumphante, em primeiro lugar, o altar sacrosanto da « Escola »: veremos esta delicada flor expandir seu inebriante perfume, tão salutar e intuitivo, por sobre a magestosa terra das sublimidades.

E não é pois a escola o vasto santuario da liberdade, não é a escola aquella grande epopéa que torna um paiz nobre e civilizado?

Abandonando as grandezas do presente e lançando um olhar ao passado, veremos resurgir das poeiras do rude saber da antiguidade essa nobre divindade, este precioso gazophilaceo aristocratico e grandioso.

Antigamente a escola não passava de uma fria e insupportavel masmorra, onde gemiam enclausurados os miseros escravos do saber. Hoje, que direis ao deparar com este magestoso floco de luz que irradia por todo o universo? com este sol luminoso que desvenda no peito de cada criança novos horisontes de grandezas?

A escola é pois o ninho das artes e sciencias; é della que tiramos os sagrados preceitos que nos servirão de pharol quando encetarmos a senda que nos conduz ao escabroso principio do mundo, isto é, provarmos o fél que nos offerece esta vida de illusões.

As sagradas e sabias palavras desses bemquistos sacerdotes da instrucção, que,

em ondas de prazer nos transmittiam a luz, descerravam o denegrido manto da ignorancia que encapellava o vasto firmamento do nosso viver; esses tão afamados dogmas serão para nós a estrella polar que nos guiará ao apice das felicidades, e, assim, seremos filhos dilectos da nossa patria civilisada.

JOANNA DOS SANTOS

PHRASES A BRISA

Cahia a tarde limpida e suave.

Todas as bellezas desta esplendida natureza ostentavam-se revestidas dos encantos primaveris.

Para qualquer ponto que dirigissemos a vista, ella deter-se-ia deslumbrada ante uma belleza irresistivel, quasi etherea.

Um silencio languido, amoroso, era apenas interrompido pelo farfalhar das folhas, quando a aragem travessa se comprazia em osculal-as.

A briza vespertina, perfumada, passava brandamente entre as corollas inebriantes das timidias florinhas.

No longinquo horisonte, ainda purpureo, debuxavam-se os contornos gigantes das montanhas azues, emquanto as andorinhas pressurosas batiam as azas inquietas, em demanda do ninho desejado.

**

Pouco a pouco a noite distendia sobre a terra o seu manto de poesia.

As estrellas, mais brilhantes talvez do que nas outras noites, derramavam sobre a terra o seu brilho vacillante.

A lua, cheia de uma pureza mystica, divina, apparecia ao longe, banhando tudo com o seu pallido clarão.

Quantas recordações suaves nos desperta uma noite de luar!

Um fluido incomprehensivel, infiltrando-se em nosso ser, faz com que, abandonando o mundo, levantemos os olhos para esse firmamento resplendente de belleza, e num extase delicioso nos entreguemos a uma contemplação muda e sublime dos mysterios do céu.

HERCILIA PINA.

ENTRE TRES PICOS

Estamos todos tres sobre um balão! Cabe-me a palavra, disse o do meio, porque sou o maior e mais considerado. Estou situado sobre o emblema da poesia, onde Yperion e Venus mandam.

—Sim, interrompe o do Oriente, como menor eu avisto tudo: és bello no pico, mas não olhas que a tua bass está *mal-proppe Pardon!*

Emquanto que eu, sou pequeno, pouco considerado, menos aristocrata, porém o asseio não me falta!...

—E' isto, diz o do Occidente, sou o segundo depois de ti, não tenho consideração alguma, mas olha em minha roda e verás aves e flores.

Ao passo que tu, lisonjeando-te tanto, como o proverbio que diz: « *tu vois une paille dans l'œil de ton voisin et tu ne vois pas la poutre qui est dans le tien* »; não vês que estás carregado de perfumes do outro mundo!

O balão está cahindo! Cuidado! Repara...hein!...

Gavroche



As quatro estações

Estamos na primavera.

Tudo parece gosar uma alegria indissivel, desde o céu que se nos apresenta grandioso em seu bello azul, até as plantas.

Os passaros procuram os mais suaves gorgeios, as flores os mais enebriantes nectares e os zephiros os mais ternos queixumes para festejar esta bella estação.

Emfim, depois de tres mezes de delicias, acaba-se esta quadra de risos e alegrias.

Eis-nos no verão.

As plantas seccam-se sob os abraçadores raios do sol; na terra abrem-se enormes fendas e no lugar em que outr'ora corria impetuoso um grande rio, deslisa hoje um manso regato.

Final, em março, vemo-nos livres deste terrivel flagellador.

Começa então o outomno.

Como apreciam as crianças esta estação!

Muito antes della chegada, já os travêssos pensam nos sasonados fructos, que levarão avidos aos seus roseos labios, quando se acharem sob alguma arvore verdadeira ao peso de seus tentadores pomos.

Mas bem diz o dictado: « não ha bem que sempre dure ».

Mau grado das criancinhas, acaba-se esta estação.

O inverno chega, acompanhado de seu sequito de horrores; familias sem pão, na miseria, que então mais sensivelmente se apresenta.

O céu conserva-se sempre de uma côr de chumbo, e o sol a muito custo rompe a camada de nuvens, dardejando então uma luz opaca.

Uma incessante chuvinha fustiga-nos o rosto.

E' assim que as estações se succedem, proporcionando-nos as suas delicias e os seus dissabores.

Údnab

Saudades do estudo

Lá vão os meninos para a escola!

Ah! Que saudades daquelle bom tempo, em que, carregada de livros, tambem para lá me dirigia.

Quando criança, ainda não abatida pelo seismar insano, adormecia e despertava sobre o Album do saber!...

E esse album onde estará?

Ficaria nalguma bibliotheca esquecida, ou no meu amado banco escolar?

—Não! Teu album é perdido; ficou envolto nas dobras do estandarte do passado; jámais has de encontrá-lo!...

Eis a resposta que sôa aos meus ouvidos!

E quem é esse ser mysterioso que incessante me responde e tortura a alma?

Esse ser mysterioso é a saudade, a horrenda visão das azas negras! Aquella a quem a dôr não fere, não commo-

Aquella que sardonicamente passa por cima do pranto e da indigencia! Ah! si ao menos essa Deusa immortal me fizesse uma vez para sempre, talvez não sentiria a dôr pungente que me transe a alma neste momento!... Mas, ironica e implacavel, ella só sabe martyrisar!

R. C. D.

Jornaes

Tivemos o prazer de receber o 1.º numero da „Tribuna Academica“, orgam de Faculdade de Direito, o qual muito agradecemos, e fazemos votos para a sua prosperidade.

* * *

Cousas implicantes

O chale verde de Ernestina;
A encantadora „pélerin“ de Maria Benedicta;
A imponencia unica de Theodora;
O andar dengoso de Hercilia;
A fitinha vermelha de Maria Vianna;
A cara de „ora veja“ de Maria Squarzini;
O „voilà pour toi“ de Lavinia.

A VIDA

Que é a vida?

A vida é, no dizer do poeta, a sombra que foge e a nuvem que vôa.

A vida é como a briza murmurante, que vai e não volta mais.

E' como a flor viçosa que hoje encanta a vista, e cujos perfumes agradam ao olfato e amanhã já não existe.

A vida é em fim o curto espaço que nos deu o Creador, para escolhermos a nossa habitação eterna.

Ao entrarmos na vida abrem-se em nosra frente dois caminhos: um á esquerda, largo e florido, pelo qual trilha alegre a multidão, outro á direita, estreito e cheio de sepinhos, onde são poucos os que ousam enfrentar os terriveis obstaculos que a cada passo se lhes oppõem.

Qual delles devemos tomar? Acompanharemos por ventura a turba barulhenta da esquerda ou seguiremos os da direita?

São grandes os attractivos do primeiro. Porém não nos esqueçamos que as apparencias são enganosas

Sigamos com paciencia o caminho estreito, que elle nos conduzirá ao Eden Celestial.

JENNY LEME

Cousas da moda

Tudo tem a sua época: os jogos, os divertimentos e até mesmo as proprias pessoas.

Antigamente não se fallava em outro divertimento que não fosse sobre corridas de bicycletas.

—Foste ao Velodromo? era só o que se ouvia perguntar; o Velodromo estava cheio. Fulano sahi vencedor, é um exímio cyclista!

Depois de muito estar na ordem do dia, foi decahindo até quasi desaparecer. Aparece finalmente o *foot-ball*.

Annucia-se o primeiro *match*; enche-se o Velodromo,—a influencia começa.

Fundam-se clubs e mais clubs, estabelecem uma liga e... eis o *foot-ball* na ordem do dia!

Pouco depois apparece o *base-ball*, que, não sei porque, não conseguiu ter a sua época.

Emfim, com o desenvolvimento do *sport* cada jogo tem a sua época.

Após alguns annos de quasi completo esquecimento, reforma-se o Hyppodromo e annunciam-se corridas de automoveis e motocycletas. Mas o povo paulistano não se enthusiasma muito.

O tempo vai passando e o *foot-ball* não cahe!

Surge emfim a grande novidade dos cartões postaes. Esta invenção vem abater um pouco as outras.

—Recebi um mimoso cartão postal; traz escripto um pensamento bem agradável. E' só o que se ouve!

Cada vez ganha mais terreno a tal mania de postaes. Abrem-se casas só deste genero, chegam albuns e não se falla senão nos taes cartões.

Mas... o enthusiasmo parece arrefecer um pouco com a abertura de um *rinck*.

Fica repleto todas as noites, todos calçam os patins e ninguém importa-se de cahir: comtanto que aprenda a patinar... não faz mal!!

Quaes são então as cousas da moda? São tres: *foot-ball*, que ainda não cahiu, postaes e *rinck*.

Outr'ora, quando não havia assumpto, numa *soirée*, por exemplo, os rapazes, depois de darem algumas voltas pelo salão, diziam: — « Que calor! não minhas senhoras? Como está animada a *soirée*! »

A senhora tem ido ao Velodromo? Mas ai que este assumpto, por tão batido, foi substituido por um outro.

Não se ouve mais o assumpto antigo e sim o moderno.

— « A senhora tem ido ao *foot-ball*? »

Faz collecção de postaes? Terei a honra de tomar um humilde lugar entre os seus numerosos correspondentes? Tem frequentado o *rinck*?

* * *

Mas agora, como o *rinck* vai fechar-se, vamos ficar á espera de um substituto. Qual será?

Saloia

Contemplando a natureza

Era na hora do crepusculo, de uma linda tarde. O sol empallidecia no occaso, coroadado de rubida cupola de nuvens; desenhavam-se na terra esguias sombras douorando as vastidões adustas das florestas.

A esta hora a natureza precisa adormecer. Ouviase sómente o farfalhar das folhas, de envolta com o mavioso canto dos passaritos, occultos entre as maviosas frondes do copado arvoredado; as brizas ciciavam tepidas e perfumosas, espargindo amenissima frescura. Emfim toda a natureza segredava o extasi e a ternura.

Hora da poesia, saudade, suavidade para quem tem o coração vivo para a esperança.

A pouca distancia de um caudaloso rio que por alli deslisava, dentre os mattagaes, erguia-se vicejante collina, que se bolevava graciosamente á maneira de cupola. No cimo desta collina alçava-se singela e alva capellinha, assemelhando-se á pomba da barca da alliança, que depois de ter pairado longo tempo sobre as aguas, veio pairar sobre os montes.

Esta era uma das mais bellas obras do artista. A' sua porta viam-se trepadeiras, que se enlaçavam subindo ou deixando cahir festões matizados de variegadas flores, formando um denso bosquezinho, o qual apenas deixava coar aavez da espessa folhagem a doce claridade da indecisa luz crepuscular.

torno da capellinha viam-se toscas e modestas vivendas, que serviam de habitação aos pescadores.

* * *

Quem não ficaria a taes horas e em taes lugares admirando os encantadores paineis e as bellezas que a prodiga natureza nos apresenta?

Etelvina Branco

A rosa

ERA EM SETEMBRO

A aurora, risonha e rosada, abria ao sol as portas do Oriente.

A cabeça erguida, altiva e louçã, uma rosa purpurina, bella, como os raios de uma estrella, esperava soffrega os beijos do arrebol.

Bandos de colibris em revoadas sonoras esvoaçavam ao redor, beijando em extasis as petalas hiriadas, em caricias de volupia seu collo purpurino.

Brilhantes sylphos em vertigens doudas

aspiravam seu perfume subtil; gentis abelhinhas, em haustos de prazer sugavam seu nectar delicado.

E a rosa purpurina altiva e louçã ostentando com garbo sua belleza ria-se com desdem das doudas borboletas que contemplavam-n'a absortas, inebriadas, ton-tas...

E, como tudo naquella manhã respirava amor e poesia!

*
**

E' NOITE

Noite de primavera, formosa e transparente.

De myriades de estrellas o céu já se matiza e como um facho de luz lá surge a lua branca, macilenta...

A rosa enlanguecida, contempla o céu. As estrellas admiradas fitam-n'a com amor e a lua a sorrir no azul alegremente embriaga-a de luz, prateando-lhe o seio.

E a rosa purpurina altiva e louçã sorri-se com desdem das candidas estrellas.

*
**

Uma nuvem se levanta crescendo pouco a pouco se alastra e já occulta o disco da lua.

Num momento eis que todo o céu se cobre de luctulento manto.

O murmurio das selvas, o uivo triste do jaguar, o rumor do vento zunindo pelos ares, tombando as grandes arvores, parece um só soluço disperso pelo espaço.

Passaros noctivagos cortando a amplidão em todas as direcções, vão procurar abrigo, grasnando tetricamente.

Com fragor immenso cahe o temporal. E a rosa, purpurina, altiva e louçã tre-mede de horror inclinada sobre a hastil.

Eis que de repente uma rajada indomita envolve-a em suas azas, lucta, sacco-de-a, desfolha-a, e leva-lhe os pedaços.

Parece que um soluço echôa no espaço.

*
**

Amainou o temporal. A madrugada vinha surgindo vagarosamente...

E quando o sol lançou seus primeiros raios á terra, surprehendeu no calice da rosa purpurina uma lagrima que tremia, enorme, aurifulgente, e após alguns instantes vacillou, palpitou, estremeceu e rolou.

Jovina Bueno de Camargo

AO ROMPER DA ALVORADA

A estrella d'alva havia ha pouco surgido cercada de mil fulgores ethereos e os seus raios dourados reflectiam prodigiosamente por sobre a casaria branca e as mansas aguas do caudaloso rio.

Clareava pouco a pouco. Nas orlas do Oriente já o clarão avermelhado do sol dourava o zenith, deixando para o lado do Occidente quasi que a mais completa obscuridade.

Divulgava-se a custo os vultos dos operarios que dirigiam-se para o seu trabalho

e do gado que mugia brandamente.

A agoureira coruja, soltando os ultimos pios, voltava ao seu esconderijo.

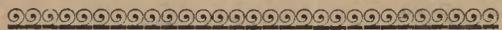
O pescador recolhia as derradeiras redes, ao mesmo tempo que modulava uma sentida e melancolica canção. Um ligeiro nevoeiro ou antes uma transparente nevoa espraivava-se pela collina, deixando pouco a pouco apparecer as bellezas desta inebriante e encantadora paisagem. Ao longe a voz merencoria e enlevante de uma bella pastora, que conduzia alegremente o seu rebanho, competia grandiosamente com o magestoso espectaculo do sol nascente.

A relva, esmaltada das mais mimosas flores campesinas orvalhadas pelo peroliceo rocio da manhã, scintillavam grandemente aos reflexos do monarcha da luz, que já havia rasgado as vaporosas cortinas do Occidente e espargia os seus refulgentes raios por todo o valle.

O melancolico sino do campanario fazia-se repercutir alegremente por toda a povoação, chamando os fieis ás preces matutinas.

E' a esta hora que os passaros trinam alegremente, que as flores descerram suas mimosas petalas, que o céu apresenta sua côr mais exuberante e que enfim nossos corações experimentam uma inaudita alegria, como si exaurissem um mavioso poema de amor.

Solita



Pensamentos

L'âme du poète d'ombre et d'amour,
Est une fleur des nuits qui s'ouvre après le jour
Et s'épanouit aux étoiles!

V. HUGO

O amor é uma chamma ardente que alimenta ou mata uma esperanza.

Ne m'oublies pas,
C'est le nom d'une fleur!
Ne m'oublies pas,
C'est un cri de mon cœur!

Saudade teu nome é doce,
parece que nada diz;
no entanto quem de ti soffre,
nunca pode ser feliz!

O soffrimento é o pedestal mais solido da vida.

O amor repousa no fundo das almas puras, como uma gotta de orvalho no calice da flor.

O pensamento que mil planos traça é vapor que se evaa e se dissolve.

Até nas flores si encontra a differença da sorte;
umas enfeitam a vida
outras enfeitam a morte.

Primavera, mocidade do anno.
Mocidade, primavera da vida.



O amor e a vida

Oh! Como nos é risonha a existencia quando nos vemos rodeados de pessoas amigas! Como é doce saber que existe um coração que palpita por nós!

Esta vida, tão cheia de amarguras, é uma azinhaga semeada de espinhos que nos dilaceram, fazendo estalar o coração de dôr.

No entanto, si a amizade sincera nasce na existencia, a azinhaga transforma-se em vereda florida e os gemidos em risos de ternura.

Oh! Olhemos para o campo coberto de flores, para o céu recamado de estrellas, para o regato que se espreguiça delectosamente beijando a alcatifa esmeraldina das margens!

E tudo isto o que é? E' a prova mais evidente do amor do Omnipotente a nós, mesquinhas creaturas.

Si Elle ama não havemos nós de amar.

Assim o amor se torna o alimento de nossa alma; é necessario á existencia como a luz e como o pão.

Não somos felizes quando nos achamos longe de quem sinceramente amamos, pois as saudades apoderam-se immediatamente do nosso coração, e ellas são o primeiro indicio do amor.

FLORITA

Columna humoristica

NA RUA:

Um transeunte dirigindo-se a um rapaz:

—Quero ir á Estação do Norte.
O rapaz: pois ide, eu prohibo?!

*

NA AULA:

O professor a um alumno:
O que é a Mineralogia?
O alumno: não comprehendi vossa pergunta.

O professor: o que é a Mineralogia ou de que trata ella?

O alumno depois de hesitar um momento: sr. professor, eu não conheço esse bicho!



Typographia e Papelaria

—de—

Assis & Silva

Avia-se com promptidão qualquer encomenda de trabalhos typographicos, como sejam: cartões de visita simples e fantasia-dos, communicações de casamento e trabalhos commerciaes.

Rua General Osorio, 116-B S. PAULO

